

OS TEMPOS VERBAIS NO MUNDO COMENTADO E NO MUNDO NARRADO

Penha Maria Camunhas Martins*
Maria Angélica Simões de Souza Lopes**

RESUMO

Os tempos verbais caracterizam ora a ordem do discurso, ora a ordem da história. Seguindo a Teoria da Enunciação proposta por Benveniste e adotada por H. Weinrich e tomando para análise um texto jornalístico, este trabalho pretende mostrar, pelo uso dos tempos verbais, não só a diferença entre o mundo comentado e o mundo narrado, mas também sua força argumentativa.

Palavras-chave: mundo comentado, mundo narrado, tempos verbais, argumentação.

ABSTRACT

Verbal tenses characterize sometimes the order of the speech and sometimes the order of the history. According to the Theory of Enunciation proposed by Benveniste and followed by H. Weinrich, and considering a journalistic text for analyses, this paper intends to demonstrate, using verbal tenses, not only the difference between the commented and the narrative worlds, but also its argumentative power.

Key words: commented world, narrative world, verbal tenses, argument.

A Teoria da Enunciação teve como precursor o russo M. Bakhtin. Na França, o lingüista Émile Benveniste (1989) se propôs a estudar a subjetividade na língua, o “aparelho formal da enunciação”, e tomou como ponto de partida os sistemas pronominal e verbal do francês. Com isso, a teoria de Bakhtin ganhou impulso.

Na lingüística do discurso, o termo enunciado tem sido usado para a manifestação concreta de uma frase, em situação de interlocução. Frase entendida como unidade formal do sistema da língua estruturado de acordo com os princípios da gramática, passível de um sem número de realizações (Koch, 2000). Enunciação, por sua vez, é entendida como evento único e jamais repetido na produção de um enunciado, pois determina a que título aquilo que se diz é dito. Podemos dizer, então, que o enunciado é aquilo que é dito e a enunciação o modo como o que se

*Pós-graduanda do Curso de Criatividade e Produção de Textos das faculdades Padre Anchieta de Jundiá e Supervisora de Ensino, aposentada, da rede pública.

**Pós-graduanda do Curso Criatividade e Produção de Textos das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá e Professora do Ensino Fundamental da rede pública e particular.

diz é dito. A enunciação pode ter diferentes sentidos: demonstrar uma surpresa, tratar-se de uma simples afirmação ou de uma pergunta ou até mesmo de um convite. Exemplificando, o enunciado "A tarde está fria" pode ter diferentes sentidos em situações diversas de enunciação: pode tratar-se de uma simples constatação, portanto uma asserção, uma pergunta (*A tarde está fria?*), uma surpresa (*A tarde está fria!*); como pode tratar-se de um convite para assistir a um filme ou tomar um chocolate (por exemplo você está em casa, a tarde está fria e sem nada para fazer com seus filhos, o frio lhe sugere assistir a um filme na televisão, comendo pipoca, ou sentar-se à mesa, tomar uma xícara de chocolate quente com uma fatia de bolo).

Segundo Koch (2002), a maioria das relações existentes entre os enunciados componentes de um texto só podem ser detectadas por meio de uma gramática textual ou macrossintaxe do discurso. De acordo com as intenções do falante e com o sentido que se pretende dar ao discurso, os enunciados encadeados uns sobre os outros trazem relações de ordem pragmática, isto é, ligadas ao momento da interação. Tais relações se revelam pelos operadores argumentativos, que estruturam os enunciados em um texto verbal linear.

O encadeamento de segmentos textuais, de qualquer extensão (períodos, parágrafos, subtópicos, seqüências textuais, ou partes internas do texto), é estabelecido, em grande número de casos, por meio de recursos lingüísticos que se denominam articuladores textuais ou operadores de discurso.

As pressuposições, as intenções, a atitude, os operadores argumentativos, as imagens recíprocas e as máscaras aparecem no discurso pelas marcas lingüísticas, que fazem com que ele seja um verdadeiro retrato de sua enunciação.

Considerando essas marcas fundamentais para a análise de um discurso é que temos por objetivo não só diferenciar o mundo narrado do mundo comentado, pelo uso dos tempos verbais, como mostrar sua força argumentativa.

Para demonstrar como esses dois mundos aparecem em um discurso persuasivo, faremos a análise do artigo jornalístico sobre o Presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, após a sua eleição. Trata-se do artigo "Só Ele Mesmo", de Maurício Lima, publicado na Revista Veja, de 4 de dezembro de 2002, que narra e comenta parte do encontro de Lula com as lideranças sindicais, quando criticou a atuação dos sindicatos de forma contundente.

AS MARCAS LINGÜÍSTICAS DO TEXTO: TEMPOS VERBAIS

Benveniste (1989) afirma que existem dois planos de enunciação: o discurso e a história, cada um com um tempo verbal característico. Na história, tem-se o relato de fatos passados, sem que o locutor se envolva. A história é caracterizada com o uso do pretérito perfeito simples do indicativo e dos pronomes da não pessoa. Benveniste distingue os pronomes da pessoa (1ª e 2ª), que designam os

interlocutores, os sujeitos envolvidos na interlocução (eu, tu, você; nós, vós, vocês) dos pronomes da não pessoa (3ª), que designam os referentes (seres do mundo extralingüístico de que se fala) e, assim, pertencem a classes diferentes. O imperfeito, o mais-que-perfeito e o futuro do indicativo também são tempos verbais da narração. O discurso, por sua vez, é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte, onde há intencionalidade e o primeiro tenta influenciar o segundo. Temos instaurados o “eu” e o “tu”. “Em função do “eu” caracterizam-se o aqui e o agora, todas as coordenadas espaço-temporais”. (Koch, 2000) Os tempos verbais característicos do discurso são o presente, o pretérito perfeito composto e o futuro do presente, todos do indicativo. Comuns tanto para a história como para o discurso na 1ª, 2ª e 3ª pessoas são o imperfeito e o mais-que-perfeito.

Para Benveniste, os tempos verbais caracterizam ora a ordem do discurso, ora a ordem da história.

Com base nos tempos verbais do francês, H. Weinrich (1964), lingüista alemão, toma os tempos verbais para distinguir a atitude comunicativa: “o mundo comentado” (comentário) e o “mundo narrado” (relato). Classifica os tempos verbais em dois grandes grupos, que podem caracterizar essa atitude comunicativa do locutor como relato ou comentário. Constituem tempos da narrativa: o imperfeito e o perfeito do indicativo (tempos zero), o mais-que-perfeito, o futuro do pretérito do indicativo e as locuções verbais em que entram esses tempos. Sempre que o locutor emprega estes tempos verbais, assume o papel de narrador e o receptor converte-se em simples ouvinte. Os tempos do comentário são o presente (tempo zero), o pretérito perfeito composto, o futuro do presente e as locuções verbais formadas com estes tempos. O emprego destes tempos indica ao ouvinte que o discurso o afeta de forma direta e exige dele uma resposta, seja ela verbal ou não verbal.

Na língua portuguesa, o pretérito perfeito deve ser incluído com valor retrospectivo com relação ao tempo zero (presente) pelo fato de ocorrer uma neutralização entre esta forma e a do perfeito como tempo zero do mundo relatado.

Por essa classificação, verifica-se a necessidade de concordância entre os tempos verbais dentro de um mesmo período. Quando ocorre o emprego de uma forma pertencente a outro grupo, dentro do mesmo período, tem-se uma metáfora temporal, isto é, relata-se como se se comentasse para acentuar a validade do relato e comenta-se como se se narrasse, diminuindo a força do comentário, não se engajando nele totalmente. O locutor não se responsabiliza pela veracidade da notícia.

Existem, na verdade, três dimensões do sistema temporal, ligadas à situação comunicativa: atitude comunicativa (narrativa e comentadora), perspectiva comunicativa (tempos de grau – sem perspectiva e tempos com perspectiva: prospecção e retrospectão) e relevo (1º plano e 2º plano, que só aparecem em alguns setores do sistema temporal). O que diferencia o imperfeito do passado simples, com base na noção de relevo narrativo, é que o passado simples é na narrativa o tempo do

primeiro plano e marca todas as unidades de ação da narrativa e o imperfeito, por sua vez, constitui o tempo do segundo plano, fornece o pano de fundo e aparece, com freqüência, na introdução e na conclusão. O uso do imperfeito ganhou destaque na época do realismo, quando o pano de fundo era mais importante do que a própria narrativa.

Os “modos” subjuntivo e imperativo, bem como infinitivo, gerúndio e particípio (semitempos), se mostram indiferentes à distinção entre mundo comentado e mundo narrado. Esses “modos” verbais podem fixar a perspectiva ou estabelecer o relevo. Apresentam-se, na maioria das vezes, ligados ao tempo pleno, que lhes determina a situação comunicativa. Dependem, como veremos, de outros elementos ligados ao contexto lingüístico para completar a informação.

Weinrich (1964) diz que todas as informações trazidas pela forma verbal são informações sintáticas. Para ele, a situação comunicativa é a medida de todo o sintático. Assim, define sintaxe como a parte da ciência da linguagem que estuda o enlace direto ou indireto da significação com a situação comunicativa.

Há diferença entre este novo conceito de sintaxe e o encontrado em gramáticas e obras lingüísticas tradicionais. É o que se denomina “macrossintaxe do discurso”.

Essa teoria vale, também, para o português, embora o pretérito perfeito simples apresente alto índice de uso tanto para o relato como para o comentário. O emprego do perfeito composto, por sua vez, limita-se ao mundo comentado. Para Koch (2002), quando a co-ocorrência do perfeito simples com tempos do mundo comentado não se dá dentro de um mesmo período, é possível considerar tais empregos como momentos narrativos dentro do comentário: induz-se um relato para servir de base a um comentário posterior, ou faz-se o comentário, acrescentando-se, a seguir, um argumento ou uma exemplificação em forma de relato. Quando há a co-ocorrência dentro de um mesmo período, de acordo com a posição de Bull (1960), podemos dizer que existe uma neutralização entre duas formas distintas: a que constitui o tempo zero do mundo narrado e a que representa a perspectiva retrospectiva em relação ao tempo zero no mundo comentado.

Para demonstrar a diferença entre o mundo narrado e o mundo comentado, pelo uso dos tempos verbais, passaremos à análise do texto artigo de Maurício Lima. (em anexo)

CARACTERIZAÇÃO DO ARTIGO JORNALÍSTICO

Segundo a classificação de Eni Orlandi (2002), também adotada por Citelli (2002), os discursos podem ser: polêmicos, lúdicos e autoritários.

Essas categorias não são formas puras e sim híbridas, existindo, porém, a preponderância de uma sobre outra. Portanto, não são categorias autônomas, mas de dominância. Para Citelli (2002), o polêmico pode conter o lúdico, ou o autoritário

o polêmico etc. Ocorre que uma das formas estará sempre em situação de dominância, sendo mais visível, portanto caracterizadora. O artigo referência da análise proposta é autoritário, quando traz o caráter institucional representado pelo governo da época em que foi escrito: "... Lula ultrapassou de longe o que poderiam ousar Malan e Fernando Henrique, se somassem suas forças". Aqui o signo lingüístico se fecha e irrompe a voz da "autoridade" sobre o assunto. É também polêmico, quando traz o embate/debate, fazendo diminuir o seu grau de polissemia: "Só mesmo um presidente que veio do meio sindical e da esquerda teria respaldo ideológico e político para colocar esse freio nos sindicalistas de maneira tão dura e explícita". Será que para conduzir essa questão como Lula o fez, o presidente terá de ser obrigatoriamente do mesmo partido dos trabalhadores e ter origem no sindicalismo, ou somente o fato de o presidente ser eleito pelo povo, o respaldo popular não lhe garante tal autoridade?

ANÁLISE DO ARTIGO

O primeiro parágrafo inicia-se com os verbos no pretérito perfeito e pretérito imperfeito, portanto no mundo narrativo, onde o autor faz uma retrospectiva da época de campanha eleitoral para a Presidência da República. "Os adversários do presidente Luiz Inácio Lula da Silva elaboraram uma máxima durante a campanha: a aparência suave e o tom conciliador das propostas do candidato petista não passavam de um lance de marketing." Finaliza com o verbo no futuro do pretérito, como metáfora temporal, indicando suposição. "O verdadeiro Lula, radical e sectário, só iria aparecer depois das eleições". Os adversários supunham que o verdadeiro Lula, radical e sectário, imagem real que tinham dele, só apareceria depois da vitória nas eleições. O "ethos" positivo foi uma construção de marketing.

Quem construiu essa imagem do presidente eleito foram seus adversários. A voz do outro (polifonia) aparece logo no início, como força argumentativa.

Na seqüência do parágrafo, passa da narrativa para o comentário: "Pelo que se viu até agora, esse Lula foi de fato colocado para hibernar sem data para retorno". O pretérito perfeito (viu e foi) aparece com valor retrospectivo com relação ao tempo zero (presente).

Reforça seu comentário, dá certeza à sua afirmação "... esse Lula foi de fato colocado para hibernar sem data para retorno", usando o indicador modal de fato. O uso da metáfora hibernar diminui o caráter opinativo e aparece para apresentar semelhança com estar dormindo.

Continua seu comentário, agora usando o verbo no presente (tem), mas termina a frase com o verbo no futuro do pretérito, próprio da narrativa, supondo o fato de que o atual Ministro da Fazenda, Pedro Malan, enfrentaria com serenidade as delicadas questões nacionais, como Lula tem feito. Emprega adjetivos, cita questões cruciais para o povo brasileiro como força argumentativa: "Lula, ainda durante a

transição, tem enfrentado questões delicadas, como as pressões para o aumento do salário mínimo, a necessidade do futuro governo de puxar para cima as alíquotas do imposto de renda e a necessidade de honrar os contratos com o FMI, com a mesma serenidade com que faria o atual ministro Pedro Malan, da Fazenda".

Volta a narrar o evento mostrando Lula como um líder ousado, que superou a Malan e a Fernando Henrique, quando escreve: "Na semana passada, Lula ultrapassou de longe o que poderiam ousar Malan e Fernando Henrique se somassem suas forças". A narrativa demonstra a identidade de Lula com a platéia pelo uso da expressão velhos companheiros, o que lhe garantiu o direito de defender a reforma da Previdência, combater as reivindicações permanentes por aumentos e criticar a atuação dos próprios sindicatos.

Finalizando este primeiro parágrafo, traz a palavra do presidente para dentro do texto como força argumentativa.

Inicia o segundo parágrafo com "Só mesmo um presidente...", puxando para a tese (título) Só mesmo ele. A tese indica que só Lula pode, por sua história de vida, fazer das necessidades dos trabalhadores ações governamentais. Continua comentando o evento, usando como argumento a história de vida do presidente eleito, que veio do meio sindical e da esquerda. O emprego desses termos, na medida em que, geralmente, se têm os sindicatos de trabalhadores como organizações de oposição ao governo e às empresas, dá força argumentativa para a suposição de que só ele mesmo tem respaldo ideológico e político para breçar a ação dos sindicalistas, enfatizando essa crítica com o uso da metáfora colocar esse freio e dos adjetivos dura e explícita: "... teria respaldo ideológico e político para colocar esse freio nos sindicalistas de maneira tão dura e explícita".

Apela para o conhecimento que o leitor tem da trajetória de vida e política dos opositores de Lula e nomeia-os para reforçar o argumento de que somente ele pode ter essa atitude sem ser responsabilizado de conspirar contra os trabalhadores. Atenua sua assertiva com o emprego do verbo no futuro do pretérito e do modalizador provavelmente, isto é, os opositores poderiam ou não ser acusados de conspirar contra os trabalhadores. "Qualquer outro de seus concorrentes na eleição, José Serra, Ciro Gomes ou Anthony Garotinho, seria provavelmente acusado de conspirar contra as conquistas dos trabalhadores".

Volta à narrativa, estabelecendo oposição ("Ao contrário do que era esperado, o presidente eleito...") entre a atitude do presidente eleito e a atitude que dele esperavam. Pela sua história e pela familiaridade com a platéia ("... que presidiu o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo..."), esperava-se que ele exaltasse o sistema sindical do país, do qual ele faz parte, mas fez duras críticas e de forma explícita ("... nem sequer se deu ao trabalho de suavizar suas críticas com algumas menções favoráveis ao corporativismo sindical brasileiro").

Da narrativa passa a comentar que por Lula ter uma ideologia, ser um político de esquerda, em sua origem, ser um sindicalista e por isso ter identidade com a

platéia do evento, só ele tem autoridade para cobrar da mesma sacrifícios e mudança de postura diante do seu governo, já que os problemas do país são bem maiores do que os de uma categoria profissional ("...que ser governo é bem mais difícil do que ficar na porta de fábrica pedindo aumentos ao patrão".) Para dar veracidade ao seu argumento traz, novamente, para dentro do seu artigo a voz do presidente eleito: "Que diabo de sindicalistas revolucionários somos nós, que só sabemos pedir o bem-bom onde já está mais ou menos bom?"

Na narrativa final: "Depois do desnudamento impiedoso das práticas sindicais correntes no Brasil, Lula saiu aplaudido do encontro", o autor mostra o Lula sectário e radical, quando utiliza a expressão "desnudamento impiedoso" e o líder forte, ousado e com autoridade, quando narra que ele saiu aplaudido. E comenta: "Surpreendente".

Para o leitor fica a pergunta: Autoritário ou Autoridade? Só o tempo dirá.

Pela análise do texto jornalístico, pode-se verificar de forma prática não só o papel dos tempos verbais na distinção do comentário e do relato numa atitude comunicativa, mas também sua força argumentativa. Fica muito claro que sempre que utilizamos o imperfeito e o perfeito do indicativo (tempos zero), o mais-que-perfeito, o futuro do pretérito do indicativo e as locuções verbais em que entram esses tempos, temos uma narrativa, através da qual o locutor assume o papel de narrador e o receptor o de ouvinte. Quando são empregados o presente (tempo zero), o pretérito perfeito composto, o futuro do presente e as locuções verbais formadas com estes tempos verbais, temos o comentário, pelo qual o discurso afeta de modo direto o ouvinte e exige dele uma resposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antonio Suárez. (2002). *Curso de redação*. 11. ed. São Paulo. Ática.

CITELLI, Adilson. (2002). *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo. Ática.

KOCH, Ingedore G. Villaça. (2002). *Argumentação e linguagem*. 7. ed. São Paulo. Cortez

_____. *A Inter-ação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo. Contexto.

ORLANDI, Eni P. (2002). *Análise do Discurso*. 4. ed. São Paulo. Pontes.